

ARNALDO SARAIVA

O MODERNISMO BRASILEIRO E O MODERNISMO PORTUGUÊS

SUBSÍDIOS PARA O SEU ESTUDO E PARA A HISTÓRIA DAS SUAS RELAÇÕES

PORTO
1986

Ao despedir-se dos leitores, *Atlântida* podia fazer um balanço francamente positivo da sua existência relativamente longa. Por ela tinham passado dezenas e dezenas de escritores, de diversas tendências e de diversa qualidade ideológica ou estética, como Bilac, Maul, João Luso, António Torres, Ronald de Carvalho, Graça Aranha, Afrânio Peixoto, Mansueto Bernardi, Hermes Fontes, Tristão de Ataíde ou como Teófilo Braga, Teixeira de Queirós, António Patrício, Jaime Cortesão, Carlos Malheiro Dias, Afonso Lopes Vieira, Afonso Duarte, Júlio Dantas, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, etc.; Nela tinham deixado desenhos, vinhetas, fotos, e ilustrações artistas como Columbano, António Carneiro, Alberto de Sousa, Navarro da Costa, Raul Lino, António Soares, Teixeira Lopes, Vitoriano Braga, etc.; através dela se tinha procedido ao levantamento e ao esclarecimento de problemas fundamentais das sociedades portuguesa e brasileira, em si ou entre si: problemas não só de ordem literária e artística mas também de natureza histórica, política, económica, social.

Mas também haveria muito de negativo a apontar no balanço da *Atlântida*, que não soube sequer corresponder ao "sucesso tão imediato, tão seguro e tão confiante" com que foi acolhida¹. O desequilíbrio quantitativo entre a colaboração portuguesa e a brasileira foi sempre muito acentuado, e não podia ser justificado com falhas de João do Rio, ou com as dificuldades de comunicação durante o momento histórico que se vivia; o espaço reservado a colaboradores medíocres também foi sempre excessivo; a sobrevalorização de escritores académicos ou literariamente conservadores, e a desvalorização dos novos ou dos renovadores até quase ao silêncio foi uma constante - apesar das palavras com que, imagine-se, o próprio sogro de João de Barros, Teixeira de Queirós, o alertou, ou censurou, logo de início².

Sim, *Atlântida*, surgida no ano da explosão modernista do *Orpheu*, nem uma só vez cita o nome paradigmático de Pessoa, ou de Sá-Carneiro, cuja morte ignorou; se conheceu Almada Negreiros, foi só o ilustrador ou desenhador; se publicou Alfredo Guisado, foi o Guisado pré-modernista, autor de uns versos em galego; e só uma vez contou com a colaboração de Montalvor e de António Ferro (que aliás chamou "Ferros", e excluiu do índice). No que diz respeito aos brasileiros, *Atlântida* também desconheceu quase todos os responsáveis pela revolução modernista em curso, e que conheceria em 1922 o seu momento mais eufórico; desconheceu, por exemplo,

¹ Era o que se lia na própria revista, no seu n.º 13, de Novembro de 1916.

² *Cartas a João de Barros*, p. 29.

Manuel Bandeira, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Jorge de Lima, nomes que nem comparecem numa crónica de Tristão de Ataíde que tenta fazer o ponto da situação literária brasileira em 1919. Perante a ausência desses e de outros nomes, só pode soar a falso a frase publicitária que se lia no n.º 33-34 (p. 845): "Os maiores escritores, críticos e artistas do Brasil e de Portugal são os colaboradores da *Atlântida*"³.

Por outro lado, a direcção da *Atlântida* incorreu em equívocos ou distrações que não deixariam de provocar e Portugal e no Brasil críticas bem mais pertinentes do que as que falavam nas suas "influências desnacionalizadoras"⁴. Assim, para lá do equívoco da transformação em "órgão do pensamento latino" - que foi um bom golpe publicitário de Graça Aranha -, poderíamos falar no equívoco da "nova e grande Lusitânia"⁵ que parece estar por detrás de muitos textos de portugueses, mesmo dos mais generosos e mais amigos do Brasil. Nem todos estes se davam conta das susceptibilidades que tal equívoco provocaria, num momento em que se aproximava o centenário da independência brasileira e em que no Brasil crescia a "onda lusófoba", sobre a qual a revista fez quase completo silêncio . pois só Tristão de Ataíde se lhe referiu de passagem numa crónica de 1919 em que escreveu: "Os nativistas brasileiros querem insurgir-se contra o que lhes parece uma volta à dominação portuguesa, pela influência intelectual"⁶.

Curiosamente, um dos homens que na década de 20 mais bombasticamente se empenharia em altear essa onda foi nada mais nada menos que o director da *Atlântida* "para França". E não deixará de ser edificante comparar as suas afirmações de 1924 - "Em vez de tendermos para a unidade literária com Portugal, alarguemos a separação"; "Não somos a câmara mortuária de Portugal" - com as suas afirmações emitidas em 1919, mal acabara de tomar posse do cargo de director da *Atlântida*:

"Quando Portugal cessa de desenvolver a sua nacionalidade, a raça portuguesa continua no Brasil a sua prodigiosa tarefa de descobrir e

³ P. 845.

⁴ "Tem a *Atlântida* sido acusada de exercer uma influência desnacionalizadora em Portugal" - lia-se numa nota introdutória do n.º 44-45 (1919), p. 4.

⁵ "Será possível uma nova e grande Lusitânia?" - era o subtítulo de uma entrevista que o próprio João de Barros fez a Bettencourt Rodrigues, a propósito da sua ideia de uma Confederação Luso-Brasileira, e que veio publicada no n.º 20, de 15 de Junho de 1917, pp. 659-673.

⁶ N.º 41, (1919), p. 567.

conquistar terras, de povoar desertos e incorporar novas regiões, mantendo assim o impulso originário pela força da lei de constância vital. Esta ânsia de crescimento não terminou e ela é a melhor expressão da vida colectiva brasileira. O mesmo carácter de raça anima os dois povos, a mesma lei de vida funde espiritualmente os dois países. A união política de Portugal e do Brasil, consequência da unidade moral das duas nações, seria a grande expressão internacional da raça portuguesa.

/.../ A história se repetiria, os brasileiros teriam vindo novamente a defender as colónias portuguesas, se Portugal, num esplêndido esforço, não tivesse repellido por suas próprias mãos a invasão alemã. Trata-se de manter o nosso prestígio comum no Atlântico. E além desta consideração, que é dominante na ordem política, deve-se considerar o grande bem que seria para a imortalidade do pensamento brasileiro a sua incorporação ao mundo português. Haveria a Universalidade para o espírito brasileiro e maior aspiração humana para os destinos do Brasil. Unido a Portugal, o Brasil se tornaria uma nação europeia, realizando a fusão do Oriente e do Ocidente sob um só espírito nacional, que seria português como para outras regiões é inglês ou francês⁷.

Arnaldo Saraiva, *O modernismo brasileiro e o modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*, Porto, 1986, pp. 143-146.

⁷ N.º 37, 1919, p. 10.